

SCHMIDT, Manfred G. (2021) – *Via Augusta Baeticae – La Vía Augusta de la Bética y sus inscripciones*, Zaragoza: Libros Pórtico, 144 pp. ilustradas, ISBN 978-84-7956-212-0

http://doi.org/10.14195/1647-8657_62_12

Sempre as vias romanas suscitaram enorme curiosidade, quer por se conservarem, aqui e além, trechos delas, quer porque os miliários impressionaram pelo seu significado, que não era apenas (sabe-se) o de indicarem as milhas, pois assinalavam a presença do imperador. Uma forma de se sentir por toda a parte esse poder imperial. Por outro lado, admira-se a inteligência política dos Romanos, na medida em que deram prioridade às comunicações – uma lição cuja relevância hoje bem se reconhece.

No caso da Hispânia, as vias constituem objeto de estudo desde há muito, sendo de notar que está em curso a atualização da parte que lhe corresponde do volume XVII do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, atendendo a que, se as pontes e os troços de vias subsistentes têm sido estudados pelos arqueólogos, as inscrições patentes nos miliários merecem uma atenção permanente.

Aliás, não é de admirar, por isso, que Manfred Schmidt use, neste seu livro, o latim para apresentar as fichas dos 50 miliários: é como que uma pré-edição desse labor epigráfico, porque, na verdade, foi sobre as epígrafes que centrou a sua atenção.

Trata-se, na verdade, como explicita no prefácio, da investigação levada a efeito por ele e por Camilla Campedelli, justamente no âmbito da continuação da edição dos miliários de Hispânia, esperando que estes agora estudados venham a ser integrados no volume seguinte a CIL XVII/1.

Só marginalmente se abordam questões geoarqueológicas ou de toponímia histórica e, dado que ainda se mantém de grande atualidade a obra máxima de Pierre Sillières sobre as vias da Hispânia meridional (1990), o autor procura complementar essa obra reexaminando, por exemplo, a questão da *caput viae*, ou seja, qual deve ser considerado o seu ponto de partida, inclusive para se ajustar à contagem das milhas; e, por outro lado, refletindo sobre o trajeto dessa via, tendo em conta as mais importantes estações documentadas. Para ambas as reflexões, importa ajuizar – acrescenta – do real valor documental dos achados.

Recorde-se que a *Via Augusta* é uma das mais longas e conhecidas de Hispânia e tem sido alvo de variados estudos, encarada de diversos pontos de

vista. Assim, Sergio España Chamorro teve ensejo de relacionar a sua ‘paisagem epigráfica’ com aspetos de ordem jurídica, nomeadamente a capacidade de atuação dos *conventus iuridici* nesse sentido (*Florentia Iliberritana*, 28 2017 35-55).

Já, antes, a descoberta de um miliário em Antequera obrigara a pensar na relação dessa *Via Domitiana Augusta* com a *Via Augusta*, tendo Armin Stylow, Rafael Atencia Páez e Juan Carlos Vera Rodríguez chegado à conclusão que, partindo precisamente de Antequera (*Anticaria*), essa via se dirigia à capital da Bética, apresentando-se, pois, como a primeira grande transversal à *Via Augusta* (*Mainake XXVI* 2004 417-430).

Poder-se-á ainda lembrar a atividade desenvolvida no quadro (digamos assim) da Asociación Orden de la Caminería, que vem organizando congressos virtuais sobre a história das vias de comunicação, bom pretexto para se discutirem ideias e se darem a conhecer novas reflexões. Assim, no VII congresso, realizado em 2019, Juan Antonio López Cordero y Enrique Escobedo Molinos sugeriram que *Ianus Augustus*, entrada da *Via Augusta* na Bética, se deveria localizar no vale do rio Guadalbullón, e aduziram sete razões a justificar que o arco de Jano estaria perto da localidade de Cerradura, num lugar conhecido como Los Arcos e Al-Haniya (O Arco), e não em *Ossigi* (Mengíbar), junto ao rio Guadalquivir, como é opinião de vários investigadores, entre os quais Manfred Schmidt.

Enfim, aguardar-se-ão sempre novos dados para validar hipóteses – meio seguro de, um dia, se lograrem atingir maiores certezas.

Voltando ao livro de Manfred Schmidt: três capítulos sintetizam o que se conhece dos vários trechos deste itinerário. O 1º, ‘A *Via Augusta* desde o Jano Augusto até *Corduba*’, tem três subtítulos: “O Jano Augusto e a fronteira da província da Bética”, “Dois caminhos para *Corduba*: *Via XXI (Augusta)* e *Via XXIa (Heraclea)*”, “Dois miliários do ‘Pátio de los Naranjos’ (Mezquita, Córdoba)”. Trata o 2º do troço da via entre *Corduba* e *Hispalis*. Debruça-se o último sobre o percurso entre *Hispalis* e *Gades*.

Depois de dois breves capítulos, que apresentam, respetivamente, um panorama dos miliários e das pontes e a proposta de itinerários das vias XXIa e XXI, vem o catálogo, organizado por vias. Assim:

- Por outra rota de *Castulo* a *Corduba* (via XXIa): miliários 1 a 8;
- 1ª parte da via XXI: desde Jano Augusto a Córdoba (miliários 9 a 16);
- miliários encontrados em Córdoba ou em seu derredor, que não podem, porém, ser atribuídos a uma secção específica da via (nºs 17 a 21);
- miliários encontrados no território de Córdoba, não *in situ* e que não mencionam as milhas desde Jano Augusto (nºs 22 a 29);
- 2ª parte da via XXI: de *Corduba* a *Hispalis* (nºs 30 a 48);
- 3ª parte da via XXI: de *Hispalis* ao Oceano (nºs 49 a 50).

O conteúdo de cada ficha segue o que está a ser preconizado nos suplementos do CIL II: local de achado, paradeiro, sumária descrição física

e paleográfica; leitura (em itálico minúsculo, desdobrada, cada linha em sua linha); fotografia; bibliografia; observações de leitura (quando necessárias).

Completam o volume a bibliografia geral, índice toponímico e as tábuas de correspondência com outros *corpora*. Insere-se, no final, o desdobrável com o mapa a cores a assinalar o traçado das vias *Augusta* e *Heracleia*, que se há-de cotejar, por exemplo, com os que López Cordero e Escobedo Molinos apresentam.

Um trabalho epigráfico de mérito, porquanto foi minuciosamente elaborado a partir da miúda análise de cada miliário.

José d'Encarnação

*Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Arqueologia,
Artes e Ciências do Património*

jde@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>